

História e Literatura: interpretações sobre a poética de Manoel de Barros

Fernanda Martins da Silva⁶⁶

Resumo

Este artigo tem como objetivo pensar historicamente as interpretações produzidas sobre a obra do poeta Manoel de Barros, ressaltando que os estudos sobre Barros são ainda muito recentes no âmbito da historiografia, havendo maior concentração de análises oriundas dos estudos literários, esses que por sua vez, não tem a preocupação de trabalhar a poesia como uma representação de uma determinada realidade e sim de estudar poesia contemporânea com uma nova escrita.

Palavras-Chave: História. Literatura. Manoel de Barros.

Abstract

This article has how I aim to think historically the interpretations produced on the work of the poet Manoel de Barros, standing out that the studies on Barros is still very recent in the context of the historiography, when there is bigger concentration of analyses originating from the literary, these studies what for his time, the preoccupation has not to work the poetry like a representation of a determined reality and yes to study contemporary poetry with a new writing.

Keywords: History. Literature. Manoel de Barros.

66 Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul campus de Coxim sob orientação da Prof.^a Ms. Thaís Leão Vieira.

A historicidade do discurso poético é conferida pelo poema como obra aberta, perpassada das imagens e sentidos, simultaneamente sociais e individuais, urdidos no contexto lingüístico e cultural de sua feição, sendo esta concebida como imbricação da criação autoral e da recriação pela leitura.

Beatriz de Moraes Vieira

A obra do poeta Manoel de Barros se classifica como uma das representações fundamentais do homem pantaneiro. Propõe-se neste artigo uma análise de sua poética, identificando nessa, qual a identidade desse homem pantaneiro, qual essa estética, e mais do que isso, enfocar essa temática dentro de uma perspectiva ainda carente de pesquisa, que é a visão da história sobre esse documento artístico, sobre os novos objetos⁶⁷.

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá (MT) no Beco da Marinha, beira do Rio Cuiabá, em 19 de dezembro de 1916, filho de João Wenceslau Barros, capataz com influência naquela região. Mudou-se para Corumbá (MS), onde se fixou de tal forma que chegou a ser considerado corumbaense. Atualmente mora em Campo Grande (MS). É advogado, fazendeiro e poeta⁶⁸:

Venho de um Cuiabá e de ruelas entornadas.
 Meu pai teve uma vendas de bananas no beco da
 Marinha, onde nasci.
 Me criei no pantanal de Corumbá, entre bichos do
 chão, pessoas humildes, aves, arvores e rios.
 Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de
 estar entre lagartos.
 Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
 Já publiquei 10 livros de poesia; ao publica-los me
 sinto como que desonrado e fujo para o
 Pantanal onde sou abençoado a garças.
 Me procurei a vida inteira e não me achei-pelo
 que fui salvo.

67 LE GOFF, Jaques e NORA, Pierre (Org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

68 CASTELHO, Jose. Manoel de Barros busca sentido da vida. In: *O Estado de São Paulo*. Caderno 2. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/caste109.html> Acesso em: 26/11/2007.

Descobri que todos os caminhos levam á ignorância.
 Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.
 Agora eu sou tão ocaso!
 Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis.
 No meu morrer tem uma dor de árvore.⁶⁹

Barros escreveu seu primeiro poema aos 19 anos. Mais tarde tornou-se fazendeiro e assumiu de vez o Pantanal⁷⁰. Para Barros escrever poesias é fazer escavações, entrar em processo de inutilidade:

Exploro os mistérios irracionais dentro de uma toca que chamo “lugar de ser inútil”. Exploro há 60 anos esses mistérios. Descubro memórias fósseis. Osso de urubu, etc. Faço escavações. Entro às 7 horas, saio ao meio-dia. Anoto coisas em pequenos cadernos de rascunho. Arrumo versos, frases, desenho bonecos. Leio a Bíblia, dicionários, às vezes percorro século para descobrir o primeiro esgar de uma palavra. E gosto de ouvir e ler Vozes da Origem. Gosto de coisas que começam assim: “Antigamente, o tatu era gente e namorou a mulher de outro homem.” Está no livro Vozes da Origem, da antropóloga Betty Mindlin. Essas leituras me ajudam a explorar os mistérios irracionais. Não uso computador para escrever. Sou metido. Sempre acho que na ponta de meu lápis tem um nascimento.⁷¹

O poeta Manoel de Barros delimita sua identidade a partir de um constructo textual que busca estabelecer marcos fundamentais de aproximações e distanciamentos entre o *eu-atual* e o *eu-do-passado*, o diálogo temporal proporcionado pela autobiografia abre ao sujeito o precedente de tornar-se inventor de si mesmo, de modo a traçar uma cartografia que guia aqueles que desejam adentrar a sua intimidade, ainda que seja apenas uma construção narrativa. Os traços identitários da poética de

69 BARROS, Manoel. Auto retrato falado. In: _____. *Livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

70 CASTELHO, Jose. Op. cit.

71 BARROS, Manoel em uma entrevista dada ao jornalista CASTELHO, Jose. Op cit

Barros perpassam toda sua obra⁷² uma vez que seus personagens são construídos a partir de um determinado espaço e tempo delineado pelo cenário sul-mato-grossense. Quando Barros retrata garças, pássaros, são as garças, os pássaros do pantanal, ele não parte de um não-real, mas sim, de uma realidade construída e constituída a partir de seus referentes.

Nesse sentido, o documento artístico deve ser entendido como uma representação histórica, de um indivíduo constituído historicamente pelo seu meio. Meio este delimitado pelo cenário pantanal sul-mato-grossense, que é gerador de uma cultura com múltiplas interpretações⁷³, que será nosso objeto nesse artigo.

Ricardo Alexandre Rodrigues em *A Poética da Desutilidade: um passeio pela poesia de Manoel de Barros*⁷⁴ tem por interesse pesquisar a intercessão entre poesia e pensamento. Nessa dissertação Rodrigues propõe uma

72 Seus livros antecipam a poética regional nos próprios títulos, tais como: *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Compêndios para uso dos pássaros* (1960), *Gramática expositiva do chão* (1966), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *Livro de pré-coisas* (1985), *O guardador de águas* (1989), *Poesia quase toda* (1990), *Concerto a céu aberto para solos de aves* (1991), *O livro das ignoranças* (1993), *Livro sobre nada* (1996), *Retrato do artista enquanto coisa* (1998), *Exercícios de ser criança* (1999), *Ensaio fotográficos* (2000), *O fazedor de amanhecer* (2001), *Poeminhos pescados numa jala de João* (2001), *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001), *Memórias inventadas: a infância* (2003), *Cantigas para um passarinho á toa* (2003), *Poemas rupestres* (2004), dentre outros. Cf.: VIANA, Carlos Augusto. Manoel de Barros a poética da reinvenção. *Diário do nordeste*. Caderno Cultural 15/11/2006. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/viana.html> Acesso em: 26/11/2007.

73 Podemos observar que os estudos sobre a poética de Manoel de Barros ainda são relegados pela historiografia e discutidos principalmente nos programas de pós-graduação em letras e literatura. Conferir os trabalhos de:

SANTOS, Henrique Pimenta. *Os processos de concisão e de construção da imagem nos poemas de Manoel de Barros*. Dissertação (mestrado em letras) – Universidade Federal de Mato grosso do sul, 2005.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. *A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e autobiografia*. Tese (doutorado em letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007.

DAVID, Nismária Alves. *A (meta)poesia de Manoel de Barros: do lúdico a manifestação do mítico*. Dissertação (mestrado em estudos literários) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2004.

GRACIA-RODRIGUES, Kelcilene. *De corixos e de veredas: A alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa*. Doutorado em Estudos Literário. Universidade Estadual Paulista-Faculdades de Ciências e letras de Araraquara, FCL-AR / UNESP, 2006.

LINHARES, Andréa Regina Fernandes. *Memórias inventadas: Figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros*. Dissertação (mestrado em historia da literatura) – Instituição depositária: Núcleo de informação e documentação Fundação Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2006.

RODRIGUES, Ricardo Alexandre. *A poética da desutilidade: um passeio pela poesia de Manoel de Barros*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2006.

VASCONCELOS, Vânia Maria. *A poética in-verso” de Manoel de Barros: metalinguagem e paradoxos representados numa “disfunção lírica”*. Doutorado em comunicação e semiótica. Pontifca Universidade Católica se São Paulo, PUC/SP, 2002.

74 RODRIGUES, Ricardo Alexandre. *A poética da desutilidade: um passeio pela poesia de Manoel de Barros*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2006.

leitura da sociedade contemporânea pelo viés da (des)utilidade, contemplado na escrita de Manoel de Barros. Para ele a característica marcante de Barros consiste em dar importância às “coisas” que não tem importância, dar preferência para o conjunto residual da sociedade capitalista.

Para Rodrigues, Manoel de Barros vai utilizar como matéria de poesia tudo que o sujeito alienado - que a sociedade capitalista tem formado - despreza, para construir imagens delirantes a fim de repensar o homem e a sociedade:

Numa sociedade pautada no imediatismo e no pragmatismo das coisas, torna-se particularmente interessante investigar a presença da matéria sem prestígio no trabalho poético.⁷⁵

Rodrigues chama a atenção para o prestígio dado à palavra - escrita ou pronunciada – no conjunto de relações sociais da atualidade, analisando como as inovações tecnológicas têm proporcionado mais rápida integração entre culturas por meio de sofisticados sistemas de informações, e conseqüentemente tem redimensionado o conceito de comunicação. Às palavras são aplicados novos significados, novos valores, que segundo Rodrigues ultrapassam o permitido e se resumem em compor silêncios. Assim, Rodrigues mensura a poesia de Manoel de Barros como reiventadora de realidades, da qual a agitação dos valores sociais tem feito passar despercebido:

A literatura barreniana parece reinventar o outro lado da palavra: o magiar, o poder fundador que nos reporta à inevitabilidade de todas as coisas.⁷⁶

Dessa forma, o autor vê Barros como uma forma de ler o mundo através de outras perspectivas, tentando buscar uma originalidade por meio de uma sintaxe peculiar, e despertando curiosidades pelas palavras poéticas que nos leva a conhecer outros mundos que podem existir. Nessa perspectiva o estudo de Rodrigues busca na obra barreniana a sua originalidade, almejando aproximar-se da origem do texto, do chamado contexto real.

75 RODRIGUES, Ricardo Alexandre. *A poética da desutilidade: um passeio pela poesia de Manoel de Barros*, Rio de Janeiro, 2006, p. 08.

76 Idem, p. 9.

Na concepção de Rodrigues a originalidade da poética de Manoel de Barros provém da comunhão de sua sensibilidade e técnica para “des-formar” o histórico e social cristalizados em conceitos e expressões de lugar – comum o que significa para o autor, transpor o reducionismo sem cair na armadilha da substituição de uma simplificação por outra. Pois as “invenções” poéticas de Barros tangem a esfera do provisório para exercitar a dinâmica de ver o mundo em contínua transformação.

Apesar de trabalhar no campo de pesquisas literárias, o autor deixa claro que utiliza outras áreas do saber para dialogar e conseqüentemente ampliar seu horizonte, Rodrigues compara esse diálogo a uma colcha de retalhos, cujo seu encanto resulta da diversidade de fragmentos.

Rodrigues ressalta ainda que sua interpretação sobre a produção literária de Manoel de Barros não tem a pretensão de apreender as imagens construídas nos níveis do poema, o que segundo ele é irrealizável pelas palavras cursivas. Para que pudesse discorrer sobre a dicção poética foi preciso, de acordo com o autor, reinventá-la usando o artifício das imagens, recurso bastante explorado pelo poeta para sugerir, em vez de anunciar, sua poética. Imagens que segundo Rodrigues nos fazem recordar o pensamento surrealista.

Rodrigues acredita que Manoel de Barros revê sua poética para fazer dela um “outro desconhecido”, e assim percorrer diversos lados (re)encontrando-a e perdendo-se dela. O interesse de Rodrigues neste trabalho se resume em entender o modo como o poeta aprecia a vida e transpõe para os poemas o que nela entrevê de mais fascinante seja a riqueza do acaso desenhada na pluralidade das cores, seja os cheiros, os formatos, os sabores.

A poesia escrita por Manoel de Barros vislumbra um estágio anterior à classificação que faz mover as coisas de seu lugar canônico mas sem ter meios para fixar-se num lugar, pois a sintaxe quebrada lhe garante liquidez que sempre vaza. Ou ainda, podemos pensar nela como um barco sem âncora que habita um espaço mas sem poder se fixar num ponto.⁷⁷

77 Idem, p. 92.

O autor acredita que, ao transpor o pragmatismo, a linguagem tocada pela poesia perde a propriedade de comunicar e assume como despropósito no utilitarismo da língua, com isso, a linguagem volta ao seu estado primitivo, às suas origens nos fazendo lembrar palavras pronunciadas por crianças. Contudo, o que o autor propõe em sua dissertação é mostrar que a obra de Manoel de Barros tem por propósito forçar os limites dos conceitos e valores a fim de desnaturalizá-lo:

O silêncio, o vazio, o lixo, a terra, a água, a loucura, a infância, tudo que a sociedade não contempla revela dentro da poesia de Manoel de Barros grande fertilidade para fazer nascer outras perspectivas a partir das quais se possa transvêr o mundo.⁷⁸

Assim a crítica de Barros, na opinião de Rodrigues, não é ao mundo, mas ao discurso sobre o mundo, logo, a crítica aparece como um discurso sobre o discurso e por isso o autor afirma que a poética de Barros se apresenta como uma metalinguagem.

Quando Alfredo Bosi analisa a poética de Manoel de Barros em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira*⁷⁹ também a vê como um contraponto ao imediatismo da sociedade capitalista:

Em face desse quadro, impensável sem a aceleração dos processos modernizastes do capitalismo e da indústria cultural, vale ressaltar, pelo contraste, a coerência vigorosa e serena da palavra de Manoel de Barros, nascida em contacto com a paisagem e o homem do pantanal e trabalhada em uma linguagem que lembra, a espaços, a aventuras mitopoéticas de Guimarães Rosa, sem ombrear, é certo, com a sustentada densidade estética do grande narrador. Conhecida de poucos durante longo tempo, a obra de Manoel de Barros só alcançou o êxito que merece depois que sopraram também no mundo acadêmico os ventos da ecologia e da contracultura.⁸⁰

Contudo o que Bosi realmente frisa em sua análise é o que Paulo Nolasco vai trabalhar em seu artigo, a semelhança da escrita de Manoel

78 Idem, p. 93.

79 BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 381-497.

80 Idem, p. 488.

de Barros com a de Guimarães Rosa. Na perspectiva de realizar uma análise da palavra “sertão” empregada metonimicamente na obra de Rosa, Paulo Nolasco propõe no seu texto uma análise das experiências da linguagem, analisando a existência da palavra⁸¹.

Dessa forma, Nolasco traça um paralelo entre o emprego da linguagem literária feita por Rosa e Barros, levantando características regionalistas. O regionalismo que Nolasco se refere aqui não diz respeito ao regionalismo romancista de autores como Visconde Taunay e Raquel Naveira, autores que buscam trazer relatos do espaço geográfico em suas obras. O conceito de regionalismo utilizado por Nolasco rompe fronteiras e proporciona a “travessia do verbo” ou como segundo Rosa a travessia do Sertão “que é do tamanho do mundo”⁸²:

A arte de inventar, compartilhada por Rosa e Manoel de Barros, traduz-se na busca incessante da linguagem poética, que neste caso transforma o sertão e o pantanal, pertencentes à mesma categoria de terra-do-sem-fim.⁸³

Tanto Rosa com o vaqueiro Mariano, como Barros com o Bernardo⁸⁴ oferecem ao leitor um regionalismo que é estabelecido por uma fronteira móvel⁸⁵, ou seja, eles oferecem ao leitor a oportunidade de decodificar seus textos conforme suas bagagens culturais, o leitor analisa a palavra, o linguajar utilizado, conforme seu rendimento intelectual lhe possibilitar, dessa forma temos a universalização do regional e o conceito de espaço se torna uma metonímia nas mãos desses dois autores. Para Nolasco a poesia manuelina é muito mais que moderna, pois ela traz à tona um signo icônico simbólico do campeador, do vaqueiro, que tange para outras paragens, outras terras e gentes, numa forma de passagem incessante como que universalizasse esse microcosmo do pantanal, por meio dos cotidianos, das histórias de vidas e principalmente das coisas. E não a vê apenas como uma poesia moderna, em que Barros passa apenas uma

81 NOLASCO, Paulo. Guimarães Rosa e Manoel de Barros: um guia para o sertão. In: _____. *O Outdoor invisível: crítica reunida*. Campo Grande-MS: editora UFMS, 2006, p. 81.

82 ROSA, Guimarães. APUD: OLIVEIRA, Clenir Ballezi de. O caminho de Guimarães Rosa entre a pequena Codisburgo e o Olimpo da literatura brasileira. *Discutindo Literatura*. Ano 3. n. 13, São Paulo: Escala Educacional, 2007, p. 37.

83 NOLASCO, Paulo. *Op. cit.*, p. 83.

84 Vaqueiro Mariano, personagem regionalista e característico da obra de Guimarães Rosa. Bernardo, personagem regionalista da obra de Manoel de Barros.

85 NOLASCO, Paulo. Literatura e Cultura: Inter-relações identitárias na região sul-mato-grossense. In: _____. *O Outdoor invisível: crítica reunida*. Campo Grande-MS: editora UFMS, 2006, p. 115.

nova estética, uma nova forma de escrever, pois para Nolasco a poesia moderna transmite significados.

Segundo Nolasco quando se faz poesia se faz justiça à existência de um povo. A poesia dá consistência a uma nação,

Por amor de um verbo vive-se uma vida inteira: de forma que o verso de um poeta, pelo seu testemunho de uma vida inteira, acaba por se confundir com a história do poeta que escreveu esse verso, como história da arte e como a história da nação, todos os três retratados na língua com que o poeta escreve seus versos.⁸⁶

Partindo do princípio de Nolasco, podemos afirmar que versos são experiências ou vivências de um povo, quando o verso se confunde com a história da nação ele passa a narrar costumes e práticas sociais que resultarão nas formações identitárias de um povo em um determinado lugar. O regionalismo literário, em seus diversos aspectos, é entendido como relacionado ao ambiente imediato, na exposição do homem, da linguagem, da paisagem e da riqueza cultural tradicional de uma região particular. É a cultura regional que oferece à literatura brasileira e à literatura regional assuntos (paisagem física e cultural, os costumes locais, lendas, mitos, linguagem etc.), regras (estilo, ritmo, simbolismo), e ainda, uma visão crítica à idéia do social de uma população e valores culturais desempenhados por uma determinada tradição.

Os estudos literários se interessam pelas regiões culturais que por sua vez resultam em produções literárias. Nesse sentido, Nolasco ressalta que na literatura regional brasileira os focos locais atuam como fontes criadoras de cultura, de diversidade, ou seja, é por meio do particular que a obra de arte alcança o geral. Contudo, podemos entender esse regional como a busca da identidade por meio do específico regional e com a representação literária de uma determinada região do país, explorando todas as chaves interpretativas como também podemos entender que a busca de uma identidade regional é um acontecimento que ocorre na independência da dialética espaço-temporal, “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico.”⁸⁷

86 NOLASCO, Paulo. Homenagem ao poeta Manoel de Barros. In: _____. *O outdoor invisível: crítica reunida*. Campo Grande-MS: EdUFMS, 2006, p. 204.

87 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2001, p. 71.

Sendo assim, dentro da perspectiva de Stuart Hall, o regionalismo pode variar de acordo com determinadas épocas culturais, em suas mais diversas formas de combinação dentro do eixo espaço-tempo. Portanto, para representar o regionalismo, a literatura utiliza o processo de mitificação, que pode ser expresso pelo tempo, pelo espaço, ou pelo elemento humano dentro de suas peculiaridades, sendo todos, portanto referenciais do regional propriamente dito. Por isso, analisamos o conceito de identidade regional a partir das representações:

O regionalismo é melhor entendido mediante uma prática literária que o sintetiza como discurso. É na literatura que o regionalismo conquista respaldo para veicular-se nos entremeios de um determinado ambiente social.⁸⁸

A discussão do que constitui a relação entre regional, regionalismo e literatura regional aparece emaranhada na própria definição de fronteira como espaço, ponto onde há trocas de multiplicidade dos discursos culturais, dentre outros acontecimentos. Os textos literários produzem inter-relações, ou seja, o discurso se constrói por meio da interação de um texto e outro, como um texto literário pode ser significativo para uma sociedade regional, sem dissuadir do regionalismo, pode também assinalar outras fontes que serão anexadas às suas construções literárias.

Andréa Linhares⁸⁹ considera a linguagem escolhida por Barros como um ponto de fuga, pois apesar de ter traçado seu percurso literário através da poesia, Barros quebra sua tradição ao lançar a obra *Memórias inventadas: a infância*⁹⁰, por optar por uma prosa poética, de forma a não se desvincular totalmente de seu estilo original, mas não se restringindo somente a ele.

Para Linhares, a escrita manuelina está centrada na reconstituição de um percurso existencial baseado na sua relação de descobrimento e de trabalho com a linguagem que conduz para a metaliteratura. De modo que o regresso ao passado busca por elementos identitários, evidenciando que essa identidade tem como base sua relação com a palavra,

88 NOLASCO, Paulo. *O outdoor invisível*: crítica reunida. Campo Grande-MS: EdUFMS, 2006, p. 112.

89 LINHARES, Andréa Regina Fernandes. *Memórias inventadas: Figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros*. Dissertação (mestrado em história da literatura) – Instituição depositária: Núcleo de informação e documentação Fundação Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2006.

90 BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

ou seja, com o percurso poético. No traçado de uma identidade através do discurso poético, Barros constrói sua auto-imagem através de sua obra, contemplando a possibilidade de permanência que a escrita de si mesmo possibilita ao autobiógrafo e como isso se dá na escrita de *Memórias inventadas: a infância*, ressaltando como Manoel de Barros valse da memória para realizar a volta ao passado. Destacam-se, então, os atores coadjuvantes da memória na realização desse retorno que desembocará na infância.

O regresso à infância por meio da memória conjuga-se ao seu desejo de banimento do tempo cronológico e progressivo. A escrita de *Memórias inventadas: a infância* lhe possibilita uma negação de determinada temporalidade. A instauração desse tempo na narrativa garante a Barros a reversibilidade, a constante atualização daquele momento, que foi primordial e fundamental, pois, na repetição desse ato primeiro, ele reafirma e renova seu percurso poético, garantindo sua integração à realidade sócio-histórica pelo uso da palavra.

Linhares põe em foco a análise da infância de Barros, pois, para ela, a infância é o destino recorrente da maioria das escritas autobiográficas, procurando entender como Barros maneja tal retorno e o modo como tal período da vida tem sido compreendido e explorado no decorrer do tempo. De acordo com Linhares, a memória é então a condutora rumo ao passado, sendo o destino a infância. A escolha da infância como ambientação da narrativa não se mostra aleatória, na medida em que é nela que, via de regra, considera-se a formação da personalidade e identidade do sujeito. As escolhas feitas por Barros nessa obra são reveladoras de um eu que pode não ter correspondência empírica, mas que mostra sua identidade, ou pelo menos a identidade que almeja ter. Dessa forma, ele modela seu jeito de ser no mundo, estabelece um paradigma, não apenas de menino interiorano maravilhado com as múltiplas possibilidades de um mundo convertido em linguagem, mas principalmente de poeta.

Alguns autores resistem em classificar a obra de Barros como identitária ou regionalista, ou como Linhares, se limitam em *Memórias inventadas: a infância*. Contudo, por mais que alguns autores como Ricardo Pieretti Câmara e Albana Xavier Nogueira não considerem a obra de Manoel de Barros como regionalista, eles não negam seu caráter identitário. Em

sua obra *Pantanal: Homem e cultura*⁹¹ Nogueira se utiliza da poética de Barros para descrever cenas de hábitos pantaneiros e descrever cenas dessa paisagem. Da mesma forma, Câmara, em sua tese de doutorado *Os causos: uma poética pantaneira*⁹², também utiliza da poética de Barros. Ambos buscam retratar a cultura pantaneira, contudo Câmara propõe uma discussão da construção da narrativa desse povo, trabalhando suas linguagens e a forma que essas são construídas no cotidiano:

O conceito desses estudiosos das palavras deve ter explicação no fato de ser o trabalho do pantaneiro, ao contrário do dos operários que, por sina, enfrentam a lida em lugares onde o “progresso” já se instalou, proporcionador de tempo para conversar e conviver. O tempo que sobra para o pantaneiro descansar, que costumeiramente chamamos de ócio, é o momento de tomar o tereré e contar os causos.

A imaginação que passeia por essas rodas de conversa conduz a um repertório de histórias, inventadas, escutadas ou vividas, as quais, quase sempre, são ligadas ao ambiente natural em que esse povo vive: o pantanal.⁹³

Câmara revela o meio desencadeador dos causos que ele posteriormente narra em seu trabalho, além disso, cita o poema *Lides de campear* de Barros para melhor descrever o cenário referido, o Pantanal:

Lides de campear

Na *Grande Enciclopedia Delta-Larousse*, vou buscar uma definição de pantaneiro: “Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar.”

Passando o tempo a conversar pode que se ajuste a um lado da verdade; não sendo inteira verdade. Trabalha pouco, vírgula.

Natureza do trabalho determina muito. Pois sendo a lida nossa de a cavalo, é sempre um destampo de boca. Sempre um desafiar. Um porfiar inerente. Como faz o vacurau.

91 NOGUEIRA, Albana Xavier. *Pantanal: Homem e cultura*. Campo Grande/MS: ed. UFMS, 2002.

92 CÂMARA, Ricardo Pieretti. *Os causos: uma poética pantaneira*. 2007. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Letras (FFCHL) São Paulo, USP, 2007, 393 p.

93 Idem, p. 02.

No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros __ é no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra o seu ser. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação.

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites.

Assim, o peão de culatra é bago-de-porco ___ porque vem por trás. Pessoa grisalha é cabeça de paina. Cavalos corredor é estufador de blusa. Etc. etc.

Sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho quase-animismo.

Mas na hora do pega-para-capar, pantaneiro puxa na força, por igual. No lampino do sol ou no zero do frio.

Erroso é pois incutir que pantaneiro pouco trabalha. Ocorre que enxertar a vaca a gente não pode ainda. Esse lugar é difício de se exercer pelo touro. Embora alguns o tentem.

Vaca não aceita outro que não seja o touro mesmo. O jeito é ficar reparando a cobertura e contando mais um bezerro daquele ato.

Só por isso se diz que boi cria o pantaneiro.⁹⁴

Sendo assim, por mais que se desconsidere a obra manuelina como regionalista é imprescindível utilizarem-na como uma representação do caráter identitário da cultura sul mato-grossense. A obra de Manoel de Barros não é identitária apenas porque descreve ou constrói o seu

94 BARROS, Manoel. *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no pantanal*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 33.

eu, mas também porque descreve e constrói, através da linguagem, o homem pantaneiro e o pantanal⁹⁵.

Em seu artigo *A poética visual de Manoel de Barros*, Maria Adélia Menegazzo ressalta as homologias estruturais apresentadas na poética de Barros pelos sistemas literário e plástico. Nessa perspectiva, Menegazzo perpassa pela obra do autor, fazendo uma análise de como o exercício poético na busca de mecanismos lingüísticos e estilísticos cria um idioma a partir de apropriações das linguagens popular e regional e cria, não só uma linguagem única, mas, leva à reflexão as linguagens da arte e seus modos de construção e representação:

Assim, o estudo comparativo da obra de Manoel de Barros com as artes visuais apresenta-se como uma necessidade material que, ao longo dos anos e da publicação de seus livros de poemas vai se acentuando, na medida em que supera as fronteiras da representação literária, expondo-se vernaculamente.⁹⁶

Segundo a leitura manoelina de Menegazzo quase todas as obras de Barros apresentam uma imagem surrealista, talvez na tentativa de desprezar a lógica racional, lembrando que o surrealismo na poesia de Manoel de Barros é antes aquele esteticamente ligado ao dadaísmo. Vale ressaltar que o universo poético manoelino, ainda que surreal, não se submete à academia, ao senso-comum, a menos que aí encontre matéria para sua poesia. Para Menegazzo é justamente no livro *Matéria de poesia*, de 1974, que o poeta traz o exercício metalingüístico como marca mais evidente e, além de construções surrealistas como nas demais obras, em *Matéria de poesia* o autor apresenta também uma proposta cubista:

Nossa civilização, cada vez mais da imagem, encanta-se com a possibilidade de ainda obtê-la através da matéria verbal, como nos poemas de Manoel de Barros.⁹⁷

95 É importante ressaltar que mesmo os autores citados não considerando a obra de Barros como regional, partimos do princípio dos elementos textuais e extra-textuais para considerar a obra do poeta com uma perspectiva regionalista. Ao lado dessa questão a cultura e as múltiplas questões sócio-históricas dessa poética somente se concretizam a partir da sociedade na qual Manoel de Barros está inserido. Sobre a relação entre obra e contexto conferir o trabalho de: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 7ª ed. São Paulo: Nacional, 1985.

96 MENEGAZZO, M. A. A poética visual de Manoel de Barros. In: *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, 2004, Évora. Estudos literários/Estudos culturais. Évora: Ed. Universidade de Évora/APCL, 2004, v. 3, p. 01-08.

97 Idem, p. 08.

Assim, a partir da mediação entre as dimensões textuais e as dimensões contextuais operadas por meio das poesias de Manoel de Barros, a obra do poeta foi interpretada por diversos autores em uma perspectiva social que incorpora a conjuntura histórica à dinâmica simbólica do poema. Nossa visão expressa uma dimensão polissêmica entre o binômio história e literatura/poesia, arte e sociedade.

Referências:

ANTOS, Henrique Pimenta. *Os processos de concisão e de construção da imagem nos poemas de Manoel de Barros*. Dissertação (mestrado em letras) – Universidade Federal de Mato grosso do sul, 2005.

BARROS, Manoel. *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no pantanal*. Rio de Janeiro. Record. 1985.

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

BÉDA, Walquiria Gonçalves. *A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e autobiografia*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CÂMARA, Ricardo Pieretti. *Os causos: uma poética pantaneira*. 2007. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Letras (FFCHL) São Paulo, USP, 2007, 393 p.

DAVID, Nismária Alves. *A (meta)poesia de Manoel de Barros: do lúdico a manifestação do mítico*. Dissertação (Mestrado em estudos literários) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2004.

GRACIA-RODRIGUES, Kelcilene. *De corixos e de veredas: A alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa*. Doutorado em Estudos Literário. Universidade Estadual Paulista-Faculdades de Ciências e letras de Araraquara, FCL-AR / UNESP, 2006.

LINHARES, Andréa Regina Fernandes. *Memórias inventadas: Figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros*. Dissertação (Mestrado em historia da literatura) – Instituição depositária: Núcleo de informação e documentação Fundação Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2006.

MENEGAZZO, M. A. A poética visual de Manoel de Barros. In: *Anais... IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, 2004, Évora. Estudos literários/Estudos culturais. Évora: Ed. Universidade de Évora/APCL, 2004. v. 3. p. 1-8.

NOGUEIRA, Albana Xavier: *Pantanal: Homem e cultura*. Campo Grande/MS: ed. UFMS, 2002.

NOLASCO, Paulo. *O Outdoor invisível: crítica reunida*. Campo Grande-MS: editora UFMS, 2006.

OLIVEIRA, Clenir Ballezi de. O caminho de Guimarães Rosa entre a pequena Codisburgo e o Olimpo da literatura brasileira. *Discutindo Literatura*. Ano 03. n. 13, São Paulo: Escala Educacional, 2007.

RODRIGUES, Ricardo Alexandre. *A poética da desutilidade: um passeio pela poesia de Manoel de Barros*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2006.

VASCONCELOS, Vânia Maria. *A poética in-verso de Manoel de Barros: metalinguagem e paradoxos representados numa “disfunção lírica”*. Doutorado em comunicação e semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2002.